

# Programa de Formação Permanente

2020 Profetas do Reino

6. Jesus Cristo, Sacerdote e servo.  
O mistério da fé celebrado  
e vivido no serviço







## JESUS CRISTO, SACERDOTE E SERVO. O MINISTÉRIO DA FÉ CELEBRADO E VIVIDO NO SERVIÇO

*Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais.*

*(Jo 13,15)*

“Todo o culto cristão brota do sacerdócio de Cristo”<sup>1</sup> e o autêntico amor cristão encontra nele o modelo perfeito de diaconia (serviço) porque “não se trata somente de uma ação, mas de um ambiente onde o crente respira e onde encontra força para amar e servir seus semelhantes: é um amor de entrega, feito comunicação e sacrifício”<sup>2</sup>. Como Sumo Sacerdote, Jesus Cristo ofereceu ao Pai o sacrifício mediante o qual realiza, de forma suprema, a glorificação de Deus e a santificação dos homens. É o início da nova e eterna aliança, selada com seu próprio sangue, derramado pela remissão dos pecados de toda a humanidade (cf. Mt 26,28).

Seu sacerdócio, diz a *Carta aos Hebreus*, não é igual ao levítico: não tem princípio nem fim, nem genealogia nem morte (cf. Hb 7, 1-10). Jesus Cristo foi constituído sacerdote sob uma proclamação solene e prometida, e seu sacerdócio é um gênero e ordem diferentes, mais semelhante ao de Melquisedec, quando recebeu

---

<sup>1</sup> Tomás de Aquino, *Suma teológica*, III, 63, 3.

<sup>2</sup> L. F. García-Viana, “Evangelho segundo São Lucas”: Casa da Bíblia, *Comentário ao Novo Testamento*, Verbo Divino, Estella 1995, 253.

a oferenda de Abraão, pedindo-lhe sua bênção sacerdotal (cf. Gn 14, 18-20). Por sua glorificação depois de sua paixão e morte, Jesus Cristo constitui-se o sumo, eterno e perfeito sacerdote (cf. Hb 7,28), realizando na liturgia sagrada da Igreja o sacrifício da Nova Aliança<sup>3</sup>.

O serviço é uma missão de Jesus como parte de sua identidade, porquanto seus servidores devem optar pelo amor praticado por ele: um amor-caridade efetivo e não só afetivo. Em diversas ocasiões ensinou a seus discípulos que a grandeza de sua missão não estava na busca de lugares de honra ou de autoridade, como os poderosos de seu tempo, mas no serviço desinteressado a todos, sem diferença alguma (cf. Mc 10, 35-45). Esta deve ser a norma constitutiva de sua comunidade e,

como modelo deste comportamento pedido aos seus, Jesus não tem dúvidas em se oferecer a si mesmo, interpretando toda sua obra em vista do serviço, um serviço sem limites chegando até a entrega da própria vida em favor dos demais<sup>4</sup>.

Por outra parte, percebemos não só a participação de Jesus em banquetes ou o convite a outros para refeições presididas por ele, mas o assumir a função de servente ou *diakonos*, cumprindo o que diz: “Eu estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc 22,27). Sua *diaconia* aparece como um verdadeiro serviço no banquete do Reino, onde se expressa de forma excelente a salvação de Deus, mas também a comunhão e fraternidade humanas em torno de sua pessoa<sup>5</sup>. Suas palavras, e sobretudo seu exemplo, são uma advertência dirigida aos chefes das nações para aceitarem este serviço como uma expressão de poder na comunidade cristã<sup>6</sup>: “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos” (Jo 13,35).

Todas estas ações de Jesus Cristo (palavras, gestos, sinais) tornam-se realidade hoje na celebração litúrgica, não como uma recordação de simples acontecimentos históricos, mas como uma atualização do Mistério celebrado através dos *ritus et*

<sup>3</sup> Cf. L. Rubio Morán, “Carta aos Hebreus”: Casa da Bíblia, *Comentário...* 628-629.

<sup>4</sup> F. Pérez Herrera, “Evangelho segundo São Marcos”: Casa da Bíblia, *Comentário...* 164.

<sup>5</sup> Cf. D. Borobio, “Leiturgia e diaconia. A liturgia como expressão e realização das quatro dimensões da missão”: *Salmanticensis* 36 (1989) 151.

<sup>6</sup> Cf. L. F. García-Viana, “Evangelho segundo São Lucas... 253.

*preces*. Jesus Cristo é o *Liturgo* que continua realizando sua obra de salvação. Por esta razão,

na liturgia terrena, antegozando, participamos da Liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrinamos, nos encaminhamos. Lá, Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do tabernáculo verdadeiro (cf. Ap 21,2; Cl 3,1; Hb 8,2) (SC 8).

A liturgia, ao ser obra de Cristo sacerdote e de sua santa Igreja (cf. SC 7), faz partícipes dela todos os batizados, não de forma indevida ou exterior, mas configurando-os num único “povo sacerdotal”, destinado a proclamar entre os homens a glória de Deus (cf. 1Pd 2, 5-9). Com razão, pois, diz Constituição *Sacrosanctum Concilium*, a liturgia é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral pelo Corpo de Cristo, Cabeça e membros (cf. SC 7). Portanto,

Todos os cristãos exercem com Cristo seu sacerdócio no culto litúrgico, embora não todos participem do sacerdócio de Jesus Cristo do mesmo modo<sup>7</sup> (sacerdócio ministerial ou sacerdócio real).

Este escrito quer mostrar como a *diaconia* (serviço) encontra-se relacionada, qual elemento complementar, com a liturgia, até o ponto de não se dar uma sem a outra, explícita e significadamente<sup>8</sup>. Para isso, o autor analisa quatro ações, podendo muito bem ser chamadas proféticas, realizadas por Jesus na última Ceia pascal com seus discípulos antes de sua morte. Possui um duplo título (Sacerdotal e Servidor) já mencionado anteriormente, pois em Jesus sua identidade pessoal se dá inseparável de sua missão.

São títulos que manifestam a diaconia de Cristo até chegar ao supremo serviço da Cruz, como canta a antífona de comunhão da missa de Ordenação dos diáconos: O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos, até uma morte de Cruz<sup>9</sup>.

Finalmente, e como conclusão, o mandato de Jesus a seus discípulos: “Também vós deveis lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,14), quer ser uma aplicação pastoral,

---

<sup>7</sup> <https://es.catholic.net/op/articulos/54676/cat/865/liturgia-5-jesucristo-sacerdote-eterno-de-la-liturgia-de-la-iglesia.html#modal>.

<sup>8</sup> Cf. D. Borobio, “Leitourgia... 150.

<sup>9</sup> <https://serviren.info/la-plegaria-de-ordenacion-de-diaconos/>.

que leve o leitor a tomar consciência da necessidade de fazer vida o celebrado, já que a liturgia não pode ser um simples ato ritual, exterior na vida do crente, mas o lugar onde se celebra a fé a partir do serviço ao próximo e o exemplo de Jesus Cristo continua sendo uma norma de vida interpelante na existência do autêntico cristão.

Os quatro evangelistas narram o momento quando Jesus compartilhou com seus discípulos a Ceia daquela quinta-feira, véspera da Páscoa, e descrevem, cada um ao seu modo, os detalhes de tão solene momento. Entretanto, o *Evangelho de São João* chama a atenção quando se refere propriamente à instituição da eucaristia (tratada, por outra parte, amplamente no discurso do “Pão da Vida” do capítulo 6), porém prefere substituí-la por um gesto onde é mostrado o significado último da Eucaristia como ato de amor extremo de Jesus pelos seus, manifestação de um serviço pleno aos discípulos: o lava-pés<sup>10</sup>.

Embora o lavar os pés era um gesto comum de cortesia e hospitalidade nos países orientais, pois a anfitrião, o chefe da tribo, lavava os pés de seus convidados ou os ungia, Jesus faz dele um “sinal profético” do verdadeiro serviço, simbolizando em toda sua missão:

A entrega de sua vida; não só o ato caritativo prestado aos demais, mas o serviço supremo realizado pelo servo de Deus por excelência em favor dos homens. A fim de que, graças a este infinito serviço de Jesus, os homens fizessem parte com ele na filiação divina e na herança prometida; são, pois, irmãos e coerdeiros do reino<sup>11</sup>.

É importante saber também: em nenhuma prescrição legal dos judeus estava indicada a necessidade de os comensais lavar os pés, mas sim as mãos, seja numa ceia ou, inclusive, na comemoração da Páscoa. Tampouco em nenhuma norma litúrgica do Levítico nem do Código de Santidade mandava lavar os pés antes da ceia. Portanto, se este ato não é uma prescrição legal, jurídica ou litúrgica, então é uma ação profética de Jesus, como aquelas feitas pelos profetas do Antigo Testamento para gerar um eco profundo em sua comunidade e nas de todos os tempos. É um ato a indicar o verdadeiro amor, não dos afetos, mas do serviço. Por isso é diaconia: não espera nada em troca.

<sup>10</sup> Cf. F. Oñoro, “Discipulado da Palavra”: *Semana Santa. Quinta-feira Santa*.

<sup>11</sup> Cf. <http://www.autorescatolicos.org/misc03/camilovalverdeellavatorio.htm>.

É preciso, mesmo assim, aclarar que Jesus não pretendia instituir um rito ou um ato de culto. Aquela ceia pascal não ia ser igual às demais, sabia ele disso, e o fato de se enxertar na ceia da Páscoa, onde além do mais entregava seu corpo e seu sangue, indica uma clara relação entre a Eucaristia e o serviço, entendendo este último como a expressão máxima de comunhão com Deus através do partir o pão. Do encontro com Cristo Sacerdote no altar brota o amor sem limites, desinteressado, sem fronteiras, sem classes sociais, pois é ali onde ele se faz o Servo dos servos.

Se o serviço autêntico não nasce da Eucaristia torna-se simplesmente um ato filantrópico de amor pela humanidade. O evangelista João é enfático na ordem dos verbos: “*Levanta-se da mesa*”, “*depõe o manto*”, “*tomando uma toalha, cinge-se com ela*”, “*põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos*”. Isto tem um significado muito importante, porque indica que todos os verbos estão subordinados ao primeiro; significa um valor salvífico a começar da Eucaristia.

Se antes não se estava “na mesa”, até o serviço mais generoso prestado aos irmãos corre o risco da ambiguidade, nasce sob o sinal da suspeita, degenera na demagogia fácil e se desagrega no filantropismo arriscado, com pouco ou nada a ver com a caridade de Jesus Cristo<sup>12</sup>.

A partir deste ponto de vista, e permitindo-me um pouco de interpretação, poder-se-ia dar um sentido ao que a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, no número 7, falando da presença de Cristo na Liturgia, diz: “Presente está pela sua força nos sacramentos, de tal forma que quando alguém batiza é Cristo que batiza”. Isto, porque a Liturgia é “obra de Cristo Sacerdote, e de seu Corpo que é a Igreja”. Portanto, se os sacramentos são sinais sensíveis-externos na Igreja, através dos quais Cristo continua atuando na humanidade, não poderia ser o lava-pés um destes sinais (um sacramento) onde Cristo continua atuando entre nós?<sup>13</sup> Ao ser a liturgia a “obra de Cristo sacerdote, e de seu corpo, a Igreja”, nela ambos atuam de forma indivisa, pelo que

no serviço inspirado no lavar dos pés é o próprio Jesus quem atua servindo nas vidas dos que são servidos. Sua corporalidade se faz presente mediante a corporalidade do servidor, e do que é servido<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> [https://mercaba.org/LECTIO/Jn\\_13\\_01-05.htm](https://mercaba.org/LECTIO/Jn_13_01-05.htm).

<sup>13</sup> Cf. <https://serviren.info/lavatorio-los-pies-sacramento-diaconal/>.

<sup>14</sup> <https://serviren.info/lavatorio-los-pies-sacramento-diaconal/>.

Este sinal de se lavar os pés permaneceu nas primeiras comunidades cristãs, embora não relacionado diretamente à Eucaristia, mas como um sinal de humildade e de acolhida realizados pelas viúvas, como se lê no texto de 1Tm 5,10: “Se tiver em seu favor o testemunho de suas belas obras, criou os filhos, foi hospitaleira, lavado os pés dos santos, socorreu os atribulados, aplicou-os a toda boa obra”. Outras evidências deste “rito” na era pós-apostólica são, na realidade, escassas. Tertuliano menciona a prática em sua obra *De Corona*, mas não detalha nem quem nem como se pratica. Sabe-se que foi cultivado pela igreja de Milão, citada no Concílio de Elvira (300) e inclusive santo Agostinho o relaciona cerimonialmente com o batismo<sup>15</sup>.

O rito do lava-pés, tal como celebramos hoje na liturgia, ou seja, associado à celebração da Ceia do Senhor, remete à patrística tardia. Nesta época levava a cabo a Quinta-feira Santa um rito conhecido como *Mandatum*, como sinal de serviço apostólico<sup>16</sup>. Logo foi estabelecido pelo XVII Concílio de Toledo no ano 694<sup>17</sup>. No Missal de São Pio V de 1570, o rito do *Mandatum* aparecia fora da missa e com a participação única dos clérigos, de tal forma que não era nem um ato público nem era permitida a participação dos seculares<sup>18</sup>, fazendo eco às palavras do evangelista João: “Terminada a ceia” (Jo 13,2). Finalmente, com a reforma do Tríduo Pascal em 1955, o Papa Pio XII trasladou este rito para a metade da celebração, depois da leitura do *Evangelho de São João* (como se realiza atualmente), acrescentando que nele podiam participar doze homens.

Este breve percorrer pela história deste rito quer mostrar a dimensão cultural e existencial que encerra em si, e convida o crente a se conformar intimamente com Cristo, “que não veio para ser servido mas para servir” (Mt 20,28) e, tomado por

<sup>15</sup> Cf. [https://es.qwe.wiki/wiki/Foot\\_washing](https://es.qwe.wiki/wiki/Foot_washing).

<sup>16</sup> A primeira referência inequívoca à cerimônia do lava-pés provém de um documento do século VII chamado *Roman Ordo en Coena Domini*, ao mencionar o Papa lavando os pés de seus assistentes na Quinta-feira Santa.

<sup>17</sup> Neste ano, o rei visigodo Egica convocou o XVII conselho regional de Toledo. O Conselho promulgou oito cânones, entre eles lemos o seguinte: “O lava-pés na festa da *Coena Domini*, caído em desuso em alguns lugares, deve ser observado em toda parte” (cânon 3).

<sup>18</sup> Cf. <https://domusecclesia.wordpress.com/2016/03/23/el-rito-del-mandamiento-nuevo-lavatorio-de-los-pies-bergoglio-francisco-mujeres-jueves-santo/>.



um amor “até o extremo;” (Jo 13,1), deu sua vida pela salvação de toda a humanidade. Desta forma, o que hoje se realiza na liturgia como um rito dentro da celebração da Ceia do Senhor no início do Tríduo Pascal, onde se recorda também a instituição da Eucaristia, é muito mais que isso; é parte do testamento espiritual de Jesus a seus discípulos, e constitui o coração da comunidade:

Se a Eucaristia faz a Igreja, o “exemplo” do lava-pés continua sendo o ato fundador pelo qual a Igreja é constituída<sup>19</sup>.

### **ISTO É MEU CORPO, QUE É DADO POR VÓS (LC 22,19)**

Jesus sabia que chegava o dia de sua morte quando comeu com seus discípulos na Ceia da Páscoa. No *Evangelho de Mateus* podemos ler: “Ide à cidade, à casa de alguém e dizei-lhe: ‘O mestre diz: o meu tempo está próximo. Em tua casa irei celebrar a Páscoa com meus discípulos’” (Mt 16,18). Também no *Evangelho de João*, no início da ceia, como forma de preâmbulo, diz: “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara sua hora de passar deste mundo para o Pai...” (Jo 13,1). Este era um momento solene, carregado de sinais, de sentimentos, de ensinamentos, de verdadeiro amor, ficando claro quem eram seus discípulos. Chegou sua hora. Ele mesmo lhes diz: “Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de sofrer” (Lc 22,15). Portanto, tudo o que aconteceria ali naquela tarde teria um significado e ficaria para sempre no coração de seus discípulos.

As instruções para comer a Páscoa eram muito precisas. Foram dadas por Javé a Moisés (cf. Ex 12, 1-14). Tratava-se de todo um ritual litúrgico mantido vivo de geração em geração. Pedro e João prepararam tudo para celebrar a maior festa de Israel, com toda a solenidade que dito acontecimento merecia. Jesus e seus discípulos sabiam que aquele momento estava carregado de espiritualidade:

É um chamado à unidade e à solidariedade acima dos individualismos egoístas; forma ou consolida o grupo: o que se separa, se expõe para morrer: na comunidade está a vida. Embora ninguém seja imprescindível, todos são necessários e cada um deve assumir sua parte de reponsabilidade e serviço<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> X. Léon-Duforu, *Leitura do Evangelho de João*, III, Sígueme, Salamanca 1998, 49.

<sup>20</sup> J. Guillén Torralba, “Êxodo”: Casa da Bíblia, *Comentário ao Antigo Testamento*, Verbo Divino, Estella 1997, 136.

Entretanto, as palavras de Jesus sobre o pão: “Isto é meu corpo dado por vós”, desconcertam os discípulos e introduzem a grande novidade do que estava acontecendo e do que estava por ocorrer.

Tudo isto nos faz pensar que Jesus ao saber da proximidade de seu fim, dispôs-se em realizar um gesto intimamente associado à sua morte. “Isto não era raro na atividade dos profetas: realizavam ações simbólicas que anunciavam e antecipavam um acontecimento vindouro (cf. Is 20,3; Jr 19, 10-11; Ez 5, 1-14). Dava-se um estreito vínculo entre o gesto significativo e a realidade anunciada”<sup>21</sup>. Dá-se aqui uma relação clara entre a ceia, a paixão e a morte de Jesus, desenvolvida numa assembleia litúrgica.

Deus Pai, num ato de amor absoluto pela humanidade, entregou seu Unigênito (cf. Jo 3,16) para que, através dele, alcançássemos a salvação. Toda a vida de Jesus foi, portanto, uma entrega total não medida por sentimentos ou emoções, mas por uma obediência absoluta à vontade do Pai. “Seu corpo foi como um pão continuamente entregue – a partir das mãos do Pai – para alimentar os homens e mulheres de seu tempo, seja falando-lhes, olhando-os ou sendo visto por eles, tocando-os ou sendo tocado, caminhado ao seu lado, comendo com eles, escutando-os, abraçando-os ou deixando-se acariciar”<sup>22</sup>. É o mesmo pão (seu corpo) que agora, na Ceia da Páscoa, entrega-se definitivamente por seus discípulos e por “muitos”.

É também uma entrega recíproca. Jesus disse a seus apóstolos e a todos aqueles que quiserem ser seus discípulos: “Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,26). “Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,14). Segui-lo implicava renúncia e entrega. Também renúncia às relações familiares, às seguranças humanas, às posses, inclusive ao auto-referencialismo; ruptura com tudo aquilo que pudesse ocupar um lugar mais importante que Jesus e sua mensagem. Entrega que se traduz na confiança absoluta ao plano salvífico de

<sup>21</sup> E. Córdoba González, *1 e 2 Coríntios. 1 e 2 Tessalonicenses*, Verbo Divino, Estella 2016, 134.

<sup>22</sup> <http://boosco.org/www/2016/11/05/esto-es-mi-cuerpo-que-sera-entregado-por-ustedes/>.

Deus, à sua palavra e a sua vontade acima de todas as coisas, com a confiança no Pai do céu, de quem o discípulo recebe tudo (cf. Mt 6, 26-33).

Agora no Cenáculo, junto com seus amigos, seu sacerdócio se concretiza na entrega de seu Corpo – sua vida – como oferenda em obediência ao Pai. Entrega que se consumirá totalmente na cruz. Com efeito, diz a *Carta aos Hebreus*: “Por isso, ao entrar no mundo, ele afirmou: ‘Tu não quiseste sacrifício e oferenda. Tu, porém, me formaste-me um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não foram do teu agrado. Por isso eu digo: Eis-me aqui, – no rolo do livro está escrito a meu respeito – eu vim, ó Deus, para fazer tua vontade’” (Hb 10, 5-7). Entretanto, a essência deste sacrifício de Jesus não é só a negação de si mesmo; está no fato de que é uma entrega em favor dos demais.

Em Jesus, o sacrifício e o culto ao Pai aparecem como diaconia, como serviço e entrega ao homem. A filiação divina desemboca em fraternidade humana, e ambas custam ‘sangue’<sup>23</sup>.

A Oração Eucarística IV do Missal Romano introduz a narração da instituição da Eucaristia com estas palavras: “Quando, pois, chegou a hora, em que por vós, ó Pai, ia ser glorificado, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”. Nesta Anáfora, onde a morte de Jesus Cristo é sinônimo de glorificação, apresenta-se a entrega do Filho de Deus, como voluntária e vivificante, porque está fundamentada no verdadeiro amor pelos “seus”. O amor extremo a mover o coração do Pai para entregar seu Filho ao mundo é o mesmo a movê-lo na entrega por seus discípulos, pois sabe que sua morte não é o fim, mas o começo da vida verdadeira. É um amor de entrega, levado ao extremo, para produzir o autêntico fruto: a salvação.

Nas palavras de Jesus a seus discípulos: “que será entregue por vós”, encontra-se o valor supremo de sua missão: “O ser dessa pessoa é ser-para-os-demais; sua essência mais íntima constitui o entregar-se. E por isso, como se trata da pessoa em sua integridade, e como ela mesma desde sua interioridade consiste em ‘estar aberta’, em se entregar, também pode ser compartilhada”<sup>24</sup>. Nesta entrega do Mestre, os discípulos encontram também a razão de ser de seu chamado: o

<sup>23</sup> D. Borobio, “Leiturgia... 152.

<sup>24</sup> J. Ratzinger, *A presença real de Cristo no sacramento da Eucaristia*, München 1978.

seguimento é resposta ao amor infinito de Deus, que os amou primeiro e, portanto, devem entregar também sua vida por ele e pela salvação da toda a humanidade; deste modo, dão a Deus o testemunho constante de fidelidade e de amor. A oblação de sua própria vida como imitação daquela na Ceia da Páscoa configura o discípulo com a pessoa de Cristo e o faz constante testemunha de fidelidade e de amor<sup>25</sup>.

**LEVANTA-SE DA MESA, DEPÕE O MANTO E, TOMANDO UMA TOALHA, CINGE-SE COM ELA (JN 13,4)**

Porém, falou-se antes que a tradição de lavar os pés em uma refeição era um sinal de acolhida, hospitalidade e fraternidade com o recém-chegado, sobretudo se o hóspede era uma pessoa honrada, e não fazia parte dos ritos estabelecidos para a celebração da ceia pascal, o evangelista João escreve que Jesus se levantou da ceia (portanto, já estavam nela e isto é algo surpreendente demais para seus discípulos e, por causa de seu posto, não entendem). Não se sabe o momento exato, nenhum evangelista diz, no que Jesus faz isto, e se já havia entregado seu corpo e sangue. Porém, o que realiza é um gesto que vai mudar completamente a mentalidade dos seus discípulos sobre ele.

Embora a maioria das traduções empreguem a expressão “manto”, a palavra grega utilizada pelo evangelista é *himation* no plural, “as vestes”. É a mesma expressão encontrada no *Evangelho de Mateus* quando diz que o sumo sacerdote “rasgou suas vestes”, no momento do julgamento de Jesus, ante o Sinédrio (cf. Mt 26,65). Marcaria a qualidade da pessoa que faz esse gesto<sup>26</sup>.

Como todo julgamento, Jesus usava um manto conhecido como *Talit*. É uma peça de pano sem costura usada dobre a túnica em forma de chale, que nos quatros cantos tem algumas franjas chamadas *Tzitzit*. Estas franjas têm uma determinada quantidade de nós, representando as 613 leis mosaicas (cf. Nm 15, 37-41; Dt 22,12)<sup>27</sup>.

<sup>25</sup> Cf. Prefácio I para a Missa de Ordenação sacerdotal. *Cristo sacerdote e ministério dos sacerdotes*.

<sup>26</sup> Cf. X. Lépon-Dufour, *Leitura...* 27.

<sup>27</sup> <https://revistasalyuz.com/2013/06/01/tocando-el-manto-de-jesus/>.

Na tradução bíblica, a palavra “manto” tem vários significados. De um lado, representa poder-realeza-governo. No *Primeiro Livro de Samuel* pode ser lido, por exemplo, que Davi corta a borda do manto real de Saul (cf. 1Sm 24,4), ato interpretado pelas exegetas como um sinal do que aconteceria no futuro, quando Deus entregaria o reino a Davi<sup>28</sup>. Também no antigo Israel, o gesto de colocar o manto ou a capa por cima equivalia à tomada de posse e à aquisição de um direito (cf. Rt 3,9). Por sua vez, este gesto era uma espécie de investidura para o ministério profético, como Eliseu, por exemplo, ao ficar com o manto de Elias, recebeu o espírito e o poder capacitando-o para continuar a missão de seu mestre (cf. 2Rs 2, 13-15)<sup>29</sup>.

A toalha ou o lenço (em grego *lention*) era utilizada pelos serventes ou escravos para realizar seus trabalhos como avental cingido ao corpo. Há também outra prova, não usada como referência pelo evangelista João neste episódio (mais adiante sim), a túnica usada por Jesus. Ou seja, tirou o manto, indica o Mestre só de túnica. No momento da crucificação, João diz “era sem costura, tecida de alto a baixo” (Jo 19,23). As características desta túnica lembram a túnica do sumo sacerdote (cf. Ex 28, 31-32.38-39). Se no momento da paixão João quer indicar que Jesus não morre sozinho como rei, mas também como sacerdote, igualmente neste poder-se-ia identificar algo análogo. O sacerdócio de Cristo manifesta-se em sua diaconia como sinal de ruptura e superação com a instituição sacerdotal de seu tempo. São Gregório de Nissa expressa-o assim:

Jesus é o grande Pontífice, diminuindo-se a si mesmo como servo, ofereceu dons e sacrifícios por nós<sup>30</sup>.

O manto, a toalha (lenço), citados por João, e a túnica, vestes comuns de seu tempo, na realidade têm um significado mais profundo, representados em si e na pessoa de Jesus aludem claramente à sua identidade e à sua missão, sendo inseparáveis nele. O manto é sinal de seu senhorio e profetismo, a túnica alude a

---

<sup>28</sup> Cf. <https://es.slideshare.net/AntonioAgapeTonyTigreton/mantos-y-sus-significados-biblicos>.

<sup>29</sup>

Cf. <https://www.biblija.net/biblija.cgi?biblia=biblia&q=MANTO&step=20&qall=1&qids=1&idq=24&pos=1&set=13&l=es&q1=1>.

<sup>30</sup> Gregório de Nissa, *Contra Eunomium I*, PG 45, 177 B-C.

seu sumo-sacerdócio e a toalha, sinal de diaconia-serviço, apresenta-o como o escravo que se coloca a serviço de todos. Nas palavras de São Paulo:

Cristo, apesar de sua condição divina, não fez alarde do ser igual a Deus, mas se esvaziou de si e tomou a condição de servo, fazendo-se semelhante aos homens. E mostrando-se em figura humana, humilhou-se, tornou-se obediente até a morte, morte de cruz (Fl 2, 6-8).

Jesus é consciente de sua identidade e de sua superioridade ante cada um dos discípulos. Ele não é um mestre qualquer, mas o Mestre e Senhor. Assim se mostra quando lhes explica o gesto que realizou com eles: “Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu sou” (Jo 12,13), pois tem toda autoridade para estabelecer um princípio fundamental: todo discípulo deve agir com seus irmãos em um estilo de vida baseado no serviço e no amor humilde e generoso. Se ele, Mestre e Senhor, tira as roupas alusivas ao seu senhorio e se cinge com uma toalha para secar os pés dos discípulos, igual um escravo, todo discípulo, como todo crente, deve trilhar o mesmo caminho de abnegação e de amor percorrido por Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado maior do que quem o enviou” (Jo 13,16)<sup>31</sup>.

A tradição cristã primitiva destacou esta ação de Jesus como um sinal de humilhação ante os discípulos, uma *kenosis*; entretanto, não há nesta sucessão de acontecimentos algo claro que divise este desejo de “abaixar-se”. Porém, como escreve Léon-Dufour, “Jesus não se ‘abaixa’, mas assume uma função de hospitalidade: aquela ceia é sua ceia, a última ceia com os seus. O texto, mais adiante, iluminará esta dimensão ao acrescentar à do serviço como tal. [...] Sem perder o senhorio conferido à sua condição filial, Jesus se apresenta como servidor”<sup>32</sup>. No momento de tal atitude adotada por ele servo, o evangelista João apresenta a plenitude e a grandeza de sua humanidade<sup>33</sup>.

No ato de se despojar do manto e de se cingir com a toalha, o evangelista João quer aludir, de maneira simbólica, ao mistério da paixão e da morte de Jesus. Ele se comporta como um servidor (como um escravo) da mesa, pois sua morte é

<sup>31</sup> Cf. G. Zevini, *Evangelho segundo São João*, Sígueme, Salamanca 1995, 343.

<sup>32</sup> X. Léon-Dufour, *Leitura...* 27, 31.

<sup>33</sup> Cf. S. Castro Sánchez, *Evangelho de João. Compreensão exegetico-existencial*, UPCo, Madrid 2002<sup>2</sup>, 299.

precisamente isso: um ato de serviço pela humanidade. Santo Agostinho, comentando este versículo do evangelho, disse:

E para cingir-se com a toalha depôs as vestes de que estava revestido. No momento para assumir a forma de servo quando se aniquilou, não depôs o tinha. [...] Ele que havia de suportar a morte, dispensou-nos previamente os seus obséquios, e isto não só àqueles pelos quais havia de suportar a morte, mas também àquele a que o havia de entregar à morte. É tão grande a utilidade da humildade humana, que até a sublimidade divina a encarecia com o seu exemplo<sup>34</sup>.

Fica claro, então, que Jesus não esconde sua divindade neste gesto, não pretende fazer isso, mas, pelo contrário, manifesta-a. Do mesmo modo como o Mestre tira suas roupas e se coloca de joelhos ante os seus, também será despojado e se dobrará sob o peso da cruz. Aqui simboliza a “hora” de Cristo, ou seja, o dom supremo de sua vida em favor de seus amigos, com a morte humilhante na cruz<sup>35</sup>. Este é o mesmo caminho que a comunidade cristã de todos os tempos deve percorrer: despojar-se de qualquer presunção, servir desinteressadamente o Reino sem pretender nada além disso, pois somente é capaz de se inclinar para lavar os pés do discípulo (do próximo) o que deixou o manto do poder e se cingiu com a toalha do serviço. O autêntico poder é serviço e o serviço (diaconia) é poder.

Um elemento a ser destacado, pois o evangelista João inunda de detalhes o grande conteúdo teológico deste acontecimento, é o fato de, uma vez terminado o lava-pés dos discípulos, Jesus toma o manto e volta a se sentar, sem nenhuma referência à toalha (cf. Jo 13,12). Esqueceu-se dela? Na realidade, não. “Jesus, ao voltar à mesa, não tira o pano, sinal de seu serviço, que culminará em sua morte, mas continuará para sempre. Por outra parte, ao voltar à sua posição de homem livre (recostou-se à mesa) com o pano cingido, mostra que o serviço prestado por amor não diminui a liberdade nem a dignidade do homem. Integra-se agora no grupo dos iguais lavrado com seu gesto”<sup>36</sup>. Jesus nunca perderá sua qualidade de servo.

Também na liturgia da Igreja ao longo dos séculos se manteve o sinal da “toalha cingida” como imitação deste gesto de Jesus. Assim, por exemplo, na antiguidade

<sup>34</sup> Agostinho de Hipona, *Tratados sobre o Evangelho de São João: Obras completas*, XIV, BAC, Madrid 1957, 305.

<sup>35</sup> Cf. G. Zevini, *Evangelho...* 339.

<sup>36</sup> J. Mateos y J. Barreto, *O Evangelho de João. Análise linguística e comentário exegético*, Cristiandad, Madrid 1979, 597.

o Papa usava nas missas pontificais o *subcinctorio*, uma estreita tira feita com o mesmo pano da estola e da casula, muito parecido com o manípulo, mas tendo em sua extremidade bordado um Cordeiro de Deus, e não uma cruz. Pendurava-se sobre o cingulo do lado direito. Entre os diversos significados estava o da humildade, como uma recordação da toalha cingida por Jesus ao lavar os pés na Última Ceia<sup>37</sup>. Este ornamento caiu em desuso com a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II. Na atualidade, só é possível encontrar uma menção sobre este sinal no Missal Romano, Quinta-feira Santa, na Missa *In Cena Domini*, depois da homilia, ao dizer:

O sacerdote (retirando a casula, se necessário) aproxima-se de cada um dos homens, lavando-lhes e enxugando-lhes os pés, auxiliado pelos ministros.

## **DEPOIS PÕE ÁGUA NUMA BACIA E COMEÇA LAVAR OS PÉS DOS DISCÍPULOS (JO 13,5)**

Esta cena, justamente pelo seu denso conteúdo teológico, é um momento de contrastes. Parece absurdo, mas pode-se dizer, neste gesto é o próprio Deus quem se agacha ante sua própria imagem. Os discípulos não podem aceitar isto, especialmente Pedro. Já foi dito que Jesus não pretendia ocultar sua divindade, mas, pelo contrário, queria manifestá-la: na corporalidade de sua humanidade expressasse a totalidade de sua divindade. Portanto, poder-se-ia pensar que o evangelista tem em mente aquela bem-aventurança:

Felizes os servos que o Senhor à sua chegada encontrar vigilantes. Em verdade vos digo, ele se cingirá e os porá à mesa e, passando de um a outro, os servirá (Lc 12,37).

O relato evangélico deixa entrever uma tensão indescritível entre Jesus e os discípulos. O que o Mestre pretende fazer? Pedro, com seu caráter explosivo, diz-lhe: “Senhor, tu, lavar-me os pés?! Jamais me lavará os pés” (Jo 13, 7-8). Entre os discípulos discutiam sobre quem teria o lugar mais alto no Reino (cf. Mt 20, 20-28), e agora, diante deles, uma imagem jamais vista: o Mestre, igual um escravo, querendo lavar seus pés. Os discípulos não tinham servos e com certeza nenhum

<sup>37</sup> Cf. <https://liturgiapapal.org/index.php/manual-de-liturgia/vestiduras-liturgicas/ornamentos-papales/347-el-subcinctorio.html>.



deles queria rebaixar-se para realizar esta tarefa humilhante e servil; por esta razão, tampouco podiam aceitar esta ação de Jesus.

Para entender este particular gesto, é importante ter presente esta passagem da Ceia pascal, e todo o acontecido ali, como o início da segunda parte deste evangelho, chamada *livro da paixão-glória*. Esta dupla dimensão está presente em todo o relato, como já se anotou na ação de tirar o manto e cingir a toalha. Neste contexto, a interpretação do lava-pés dos discípulos pode ser feita a partir de diferentes tópicos:

### **Entrega–glorificação**

Assim como nos três evangelhos sinóticos a entrada da paixão de Jesus se encontra na instituição da Eucaristia, no quarto evangelho o autor sagrado a substitui pelo lava-pés. Os exegetas coincidem em dizer que tudo sobre a Eucaristia, com as peculiaridades próprias de João, encontra-se no longo discurso sobre o pão da vida do capítulo seis. Portanto, o que o evangelista quer dizer é,

se a Eucaristia é ‘memorial’ (cf. Lc 22,19) de sua entrega e serviço final (paixão-morte-ressurreição), não pode não ser o de sua entrega e serviço durante sua vida: o lava-pés seria, então, como a ligação a unir o serviço-entrega de sua vida com a morte de Cristo<sup>38</sup>.

A partir deste ponto de vista, entende-se por que o lava-pés substitui a instituição da Eucaristia: porque explica simbolicamente o que acontecerá no Calvário. Neste gesto do Mestre, completa-se a manifestação do amor trinitário em Jesus ao se humilhar, ao se pôr ao alcance e à disposição de todo homem e mulher, revelando assim a humildade de Deus e manifestando sua onipotência e sua suprema liberdade na aparente debilidade<sup>39</sup>.

O lava-pés simboliza toda a missão de Jesus: a entrega de sua vida; não só o serviço prestado aos demais, mas o serviço supremo prestado aos homens pelo servo de Deus por excelência. Se Jesus não tivesse prestado este serviço, os homens não participariam com ele em sua própria filiação e na herança prometida<sup>40</sup>.

### **Serviço–diaconia**

---

<sup>38</sup> D. Borobio, “Leiturgia... 152.

<sup>39</sup> F. Oñoro, *Quinta-feira Santa*.

<sup>40</sup> F. Fernández Ramos, *Comentário ao Novo Testamento...* 311.

A relação entre a instituição da eucaristia e o lava-pés, implicitamente percebida na intenção do evangelista João, teria como finalidade aprofundar em seu caráter serviçal e em seu amor fraterno a partir do exemplo comovedor do Mestre. É o gesto mais eloquente a encarnar o sentido pleno do mandamento do amor fraterno, à maneira de Jesus. A humildade torna fecundos o serviço e o amor, porque leva consigo o morrer em si mesmo para dar vida. Desta forma, a Eucaristia remete a uma vida, a um exemplo, a uma entrega sem medida: “Se eu, pois, seu Senhor e Mestre, lavei os vossos pés, também vós deverão lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,14)<sup>41</sup>.

Todo serviço implica uma diferença entre quem dá e quem recebe, marcada muitas vezes pelas responsabilidades, funções ou dons, respectivamente. Ao dizer-se Senhor e Mestre, Jesus mantém a diferença que o separa de seus discípulos; porém, ao lavar seus pés, suprime a vontade de poder, tantas vezes dissimulada na adesão a uma pessoa (por isso a reação de Pedro).

Com este gesto, Jesus ultrapassa o espaço hierárquico estabelecido pelos homens entre si; ele, o Senhor, faz-se realmente amigo de seus discípulos, faz-se igual a eles. Assim, pois, não se trata de classificar os homens segundo seu papel, sua superioridade, seu status social; trata-se de triunfar sobre esta separação suprimindo as distâncias (cf. Mt 23, 1-3.6-11)<sup>42</sup>.

A partir deste ponto de vista fica claro que, com este gesto de Jesus, aniquila-se todo o desejo de poder na comunidade. O serviço dos discípulos de todos os tempos não merece este título, porque deixa de ser um simples serviço a favor de outros e se converte em diaconia, ou seja, num serviço desinteressado sem esperar nada em troca, medido não por um espírito de “condescendência” ou de “superioridade”, mas convidados a se rebaixarem para se encontrar à altura de quem é servido, entre irmãos, fazendo-se amigos e servindo-se mutuamente. “Pela caridade, colocai-vos a serviço uns aos outros” (Gl 5,13).

Joseph Ratzinger dirá que o Senhor “aceita e realiza o serviço do escravo, leva a cabo o trabalho mais humilde, a mais baixa tarefa do mundo, a fim de nos tornar dignos de sentar à mesa, de abrir-nos à comunicação entre nós e com Deus, para

---

<sup>41</sup> D. Borobio, “Leitura... 152.

<sup>42</sup> X. Léon-Dufour, *Leitura...* 51.

nos habituar ao culto, à familiaridade com Deus”<sup>43</sup>. A mesa da Eucaristia não aceita divisões, nem poderes, nem classes; nela, todos os comensais são amigos e irmãos; participam somente aqueles que foram purificados pela água; aqueles cujos pés foram lavados e secos pelo Sacerdote e Servo do Pai. Definitivamente, para ser dignos de se sentar e participar dela, é preciso ter a alma cheia de profunda humildade e viva caridade com o próximo.

Finalmente, deixando de lado a prática da hospitalidade daqueles tempos, é possível descobrir uma intenção secreta no autor sagrado ao se tratar, não das mãos, mas dos pés.

Jesus se mostra dependente de seus discípulos e mais exatamente de seus pés missionários, ao irem pelo mundo logo em seguida, depois de seu regresso ao Pai, a irradiar sua presença por todos os lugares<sup>44</sup>.

Nas palavras de santo Agostinho:

Jesus lava os pés de seus discípulos, não as mãos ou outra parte do corpo, não era preciso, porque sabia que se sujariam constantemente ao peregrinar diariamente, no serviço constante aos demais<sup>45</sup>.

Um antigo hino litúrgico do final do século IV sobre o lava-pés diz:

Olhai, meus discípulos, como vos servi e a obra prescrita a vós. Olhai, eu vos lavei e limpei; assim apressai-vos. Caminhai sem medo acima dos demônios e sem vos assustar sobre a cabeça da serpente. Caminhai sem temor. Semeai o Evangelho pelas terras e enxertai o amor nos corações dos homens. Olhai, eu, sou vosso Deus, rebaixei-me e vos servi para vos preparar a Páscoa perfeita até alegrar a face de todo mundo. Ide também vós e aprendei ser ‘servos por amor’.

## **Comunhão–identidade**

Nas palavras de santo Agostinho: “A Eucaristia é sacramento de piedade, sinal de unidade e vínculo de caridade”<sup>46</sup>, pode-se afirmar que o gesto do lava-pés é o selo a tornar eficaz e permanente este sinal de unidade e comunhão íntima entre o Senhor e Mestre e seus discípulos. Neste ato “sacramental” de Jesus no quadro da Ceia pascal colocar-se-á à prova a identidade do discípulo. Assim como comer seu

---

<sup>43</sup> J. Ratzinger, *O lava-pés*, BAC Popular, Madrid 1990, 114-120.

<sup>44</sup> X. León-Dufour, *Leitura...* 52.

<sup>45</sup> Agostinho de Hipona, *Comentário ao Evangelho...* 309.

<sup>46</sup> Agostinho de Hipona, *Comentário ao Evangelho...* 671.

corpo e beber seu sangue implicam uma participação total na vida de Cristo, aceitar o lava-pés significa tomar parte na ação do Senhor, compartilhá-la com os demais e deixar-se identificar com este ato.

Jesus, com a toalha cingida, lavou os pés de seus discípulos para ensinar a eles a verdadeira comunhão entre o discípulo e o Mestre. Duas expressões de Jesus no relato bíblico deixam-na clara. A primeira é a de Pedro, quando não deixa que ele lave seus pés: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo” (Jo 13,8); e a segunda alude a Judas, quem havia quebrado a comunhão com o Mestre a partir do momento em que decidiu entregá-lo: “Vós estais puros, mas não todos. Ele sabia quem o entregaria” (Jo 13, 10-11).

As palavras sucintas de Jesus a Pedro põem à prova seu discipulado. Com ele é tudo ou nada: “Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa” (Mt 12,30). Antes do Mestre voltar a dizer a ele: “Afasta-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens” (Mt 16,23), pede para o Senhor lavar também todo o seu corpo. Santo Agostinho, comentando esta passagem, exclama:

Pedro assombrado entre o amor e o terror, sentindo mais o horror de ser afastado de Cristo, que vê-lo humilhado a seus pés, replica: Senhor, não só meus pés, mas também as mãos e a cabeça [...]. Para que tu me negues em ter parte contigo, eu não te nego parte alguma de meu corpo para que a laves<sup>47</sup>.

Aceitar esta comunhão com o Mestre quer dizer continuar o lava-pés no tempo e na história, “lavar com Cristo os pés sujos do mundo. Jesus disse: ‘Se eu, pois, vos lavei os pés, sendo vosso Senhor e Mestre, também deveis lavar-vos os pés uns dos outros’ (13,14). Estas palavras não são uma simples aplicação moral do fato dogmático, mas pertencem ao centro cristológico próprio. O amor é recebido unicamente amando”<sup>48</sup>. Para ser digno de Cristo e ter parte com ele, há um só caminho. O serviço, a pobreza e a entrega caracterizam sua vida; estas são as credenciais e atributos do Reino que ele veio estabelecer. Mudar o mundo,

<sup>47</sup> Agostinho de Hipona, *Comentário ao Evangelho...* 307.

<sup>48</sup> J. Ratzinger, *O lava-pés...* 114-120.

transformá-lo, continuar o exemplo do Mestre, foi e continua sendo a missão da Igreja<sup>49</sup>.

#### FAÇAM ISTO EM MINHA MEMÓRIA

Situemo-nos, outra vez, na mesa do banquete, não porque este último gesto profético de Jesus persistisse imediatamente depois do lava-pés de seus discípulos, mas porque nos situa na instituição da Eucaristia, a tela de fundo ou o eixo central a unir todos os elos da cadeia que estamos tecendo. Três gestos de Jesus na ceia pascal já foram analisados, porém ainda resta um: o memorial de tudo aquilo passou. Parece, inclusive, que neste momento Jesus muda sua atitude; ao menos é o que pode ser lido nas entrelinhas. É agora um imperativo categórico o que pede a seus discípulos: “Façam isto em comemoração minha”. Uma ordem constituída numa norma de vida, um futuro presente, uma recordação não *mimese*, mas *anamnese*.

Recordar será um elemento fundamental para entender o que Jesus está pedindo a seus discípulos. É preciso pensar

na herança cultural de Jesus judeu e ver como os israelitas “recordam” sua própria história, especialmente como faziam em suas próprias ceias da Páscoa. Eles entendiam esta forma de recordação como uma participação ativa num acontecimento sucedido no passado; é como se, ao narrar a história todos juntos numa ceia, eles mesmo passassem a ser parte dela. Apesar de tudo ter acontecido há muitos séculos, os judeus sentem-se libertos e celebram junto com Moisés. Toda a história ajunta vida para eles e a revivem pessoalmente<sup>50</sup>.

A grande novidade está no mandato de Jesus a seus discípulos de repetir o realizado na ceia pascal, a última antes de sua morte, contudo deve ser feita em sua memória. Aqui, esta memória deixa de ser um momento nostálgico, como se houvesse ficado no passado, onde o grande ato de amor do Mestre por seus discípulos é recordado, e se converte em *comemoração*, em grego *anamnese*; ou seja, uma atualização do sucedido naquela quinta-feira à tarde.

---

<sup>49</sup> Cf. <http://www.autorescatolicos.org/misc03/camilovalverdeellavatorio.htm>.

<sup>50</sup> [https://la-palabra.com/archives/article/en\\_conmemoracion\\_mia/](https://la-palabra.com/archives/article/en_conmemoracion_mia/).

É o reconhecimento de que a oferta da redenção realizada um dia na cruz continuasse aberta para todos os que participam na Ceia do Senhor<sup>51</sup>.

Em outras palavras, na expressão “façam em minha memória”, ao partir e repartir o pão e o vinho – corpo e sangue de Cristo –

os cristãos recordam o valor salvífico da morte de alguém que ressuscitou, está presente em sua comunidade e é reconhecido e aclamado como Senhor, como Kyrios. [...] Entrelaçam-se assim três aspectos temporais: a alusão à morte de Jesus (no passado), a repetição do rito através da história (no presente) e a expectativa da parusia de Jesus, ou seja, sua dimensão escatológica (no futuro)<sup>52</sup>.

Assim é como a celebração deste Memorial faz presente “aqui” e “agora” na Liturgia aquilo que aconteceu na Ceia pascal. Através dos *ritus et preces* a liturgia encarna sacramentalmente o mandato de Jesus a seus discípulos. É, nas palavras de Dionísio Borobio, uma “anamnese viva na comunidade celebrante para a transformação salvadora”<sup>53</sup>; porque é nela onde a Igreja vive e manifesta sua experiência de fé e celebra a presença do mistério. A partir deste ponto de vista, o “Façam isto em comemoração minha” na Liturgia “vem a ser como a memória, o paradigma, o ponto de referência, e o impulso para o testemunho, na vida”<sup>54</sup>. Por ser obra de Cristo Sacerdote e de seu Corpo, a Igreja, é ação sagrada por excelência (cf. SC 7).

Do ponto de vista e da relação com nosso tema, quando se fala de memorial no mandato de Jesus a seus discípulos, pode-se fazer a partir de dois tópicos: uma memória cultural – “Façam isto em comemoração minha”, referido a seu Corpo e a seu Sangue – e uma memória existencial – “Façam também vós eu fiz”, referido ao lava-pés –. Ambos mandatos se constituem em norma de vida na conduta de um cristão, porque em ambos casos o contexto é o mesmo: a ceia pascal. A insistência no “fazer” caracteriza estas duas frases, dado que é um sinal claro de unidade e comunhão com ele. O cumprimento deste mandato, além disso, traz consigo uma promessa: “Serão bem-aventurados se conseguirem realizá-lo” (v.17).

<sup>51</sup> E. Córdoba González, *1 e 2 Coríntios...* 136.

<sup>52</sup> E. Córdoba González, *1 e 2 Coríntios...* 136.

<sup>53</sup> D. Borobio, “Leiturgia...” 144.

<sup>54</sup> D. Borobio, “Leiturgia...” 144.

A eucologia da Oração Eucarística I para a missa com as crianças, imediatamente depois das palavras da consagração, diz: “Nesta reunião fazemos o que Jesus mandou. Lembramos a morte e a ressurreição de Jesus que vive no meio de nós. Oferecermos, também, este Pão que dá vida e este Cálice da nossa salvação. Junto com Jesus, ó Pai, entregamos a nossa vida em vossas mãos”. Esta é a “memória cultural” que manifesta claramente o “Façam isto em comemoração minha” em relação ao ato fundante da Igreja. O próprio Jesus está presente no altar: em seu corpo e em seu sangue, no ministro que preside a celebração *in persona Christi*, na assembleia reunida como “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de sua particular propriedade” (1Pd 2,9). Por esta razão é muito mais que uma simples recordação. É a celebração da última ceia com Jesus e seus discípulos, com Jesus e sua Igreja, no “aqui” e “agora” da história.

Não menos importante é a eucologia da oração sobre as oferendas da Missa de ordenação de um diácono: “Pai santo, vosso Filho quis lavar os pés dos discípulos para nos dar o exemplo, recebei os dons que vos apresentamos e fazei com que, ao oferecer-nos a vós como oblação espiritual, fiquemos repletos do espírito de humildade e de zelo em vosso serviço”. Encontra-se nesta oração uma interpretação clara da “memória existencial” no fato de que a recordação do lava-pés constitui no exemplo supremo através do qual a Igreja se oferece ao Pai como oblação espiritual junto com os dons do pão e do vinho, e implora o dom do espírito de humildade e de zelo no serviço autêntico que Jesus quer de seus discípulos.

Está claro, então, que

os dois mandatos abrem a um futuro caracterizado pela relação explícita do crente com a pessoa de Jesus em dois terrenos diferentes: o cultural e o existencial. As duas dimensões querem tornar o Ausente presente na vida do discípulo, mesmo que o respectivo “fazer” não seja na mesma ordem: reproduzir os atos de Jesus na instituição da Eucaristia e consagrar sua vida ao serviço dos irmãos. As duas disposições têm a função de constituir a comunidade dos discípulos de Jesus e devem continuar na relação dialética, já que uma não pode se manter sem a outra<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> X. León-Dufour, *Leitura...* 49-50.

Este “duplo memorial” permite ao leitor entender por que o evangelista João substituiu a narração da instituição da Eucaristia pelo lava-pés. O duplo serviço sacerdotal de Jesus está implícito em toda a narração,

manifesta a “realidade” que, em última análise, tem de intensificar a Eucaristia entre os crentes: o amor fraternal tem uma fonte divina. Longe de ser um acréscimo opcional, o lava-pés torna-se necessário para manifestar que a vida não se basta por si mesma e, se não quer fazer-se ilusória, encontra todo seu sentido tão só na prática de um amor efetivo. Se a eucaristia faz a Igreja, o “exemplo” do lava-pés continua sendo o ato fundador onde a Igreja se constitui<sup>56</sup>.

Concluamos esta parte lembrando estas palavras de Dionísio Borobio:

A Eucaristia é, pois, o lugar da koinonia e da comunhão fraternal no amor, e por isso mesmo é também o lugar da diaconia e do serviço ou entrega real aos irmãos, sobretudo aos mais necessitados. Nela continuam agora tanto o “lava-pés”, quanto a “multiplicação dos pães”. [...] Por ela é como melhor podemos experimentar e crer que amor é servir, e partir o pão é compartilhar a vida e comungar no Corpo e Sangue de Cristo é comungar com os mais pobres e necessitados, e celebrar a memória de Cristo é comprometer-se na caridade com os irmãos<sup>57</sup>.

*Também vós deveis lavar os pés uns dos outros (Jo 13,14)*

Antes de concluir esta reflexão, é importante deter-se no mandato de Jesus a seus discípulos: “Também vós deveis lavar os pés uns dos outros” (v.14), porque constitui-se na prolongação na história da que chamamos “memória existencial”. Para isso é preciso ter como ponto de partida uma pergunta: Em que consiste a ação dos discípulos? Evidentemente, não se trata da reprodução da ação material do lava-pés pelos discípulos. O que pede Jesus não é feito com água e sabão, mas parte da disponibilidade fundamental e efetiva de estar a serviço uns dos outros, um serviço sem reservas, isento de vontade de poder<sup>58</sup>.

A chave de leitura para interpretar este mandato continua sendo seu imperativo categórico: “Façam isto em comemoração minha”. Ele deu exemplo de entrega, de humildade e de serviço, agora corresponde a eles, seus discípulos, fazer o mesmo. Por quê? Situemo-nos outra vez no contexto da ceia pascal, já que aí encontramos

<sup>56</sup> X. Léon-Dufour, *Leitura...* 49-50.

<sup>57</sup> D. Borobio, “Leitura...” 153, 155.

<sup>58</sup> X. Léon-Dufour, *Leitura...* 34.



o sentido de tudo. Nada do que aconteceu naquela tarde pode ser interpretado de maneira independente, é parte de um todo. Cada momento é como um pequeno elo de uma única cadeia: a comunidade de vida com Jesus.

Permito-me fazer uma interpretação, sem pretender em nenhum momento forçar o texto sagrado, mas com a intenção de encontrar o verdadeiro fundamento do que Jesus ordena a seus discípulos. O próprio evangelista João, alguns versículos mais adiante do capítulo 13, depois de anunciar a traição de Judas e de sua saída da sala da ceia, inicia um discurso de “despedida” onde *dá* aos discípulos um novo mandamento: “Amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (v.34). É verdade que este preceito já era lido no Levítico (19,18), mas não com o profundo sentido dado por Jesus, sobretudo em sua paixão.

Depois disto, acrescenta Jesus: “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (v.35). Um mandamento novo constituído, então, no distintivo da nova comunidade que nasce na ceia pascal e cuja essência será o amor mútuo entre os discípulos. Não se trata só de um simples amor altruísta e humanitário, baseado em sentimentos, mas de um amor efetivo, de entrega, feito de comunicação e sacrifício; um amor que encontra no amor de Jesus a força para amar seus semelhantes<sup>59</sup>.

Entendido desta forma, poderíamos pensar que o mandato de lavar os pés uns dos outros faz parte deste grande Novo Mandamento, algo como: “Lavem-se os pés uns dos outros como eu lavei os vossos”. Este outro gesto de Jesus, é por assim dizer, o colocar em prática “o *exemplo*” daquilo que fora mandado logo em seguida: “Amem-se”. “O amor do Filho por seus discípulos gera neles um movimento de caridade; seu amor passa para eles quando amam seus irmãos e são amados por eles”<sup>60</sup>. Fazendo isto com uma verdadeira consciência de serviço-diaconia dar-se-ão a conhecer como autênticos discípulos. Este é o sinal.

Para os discípulos de Jesus, tudo o que aconteceu na ceia pascal é completamente novo. Os gestos e as palavras do Mestre foram aquilatados para eles. Os mesmos

<sup>59</sup> Cf. F. Fernández Ramos, 313.

<sup>60</sup> X. León-Dufour, *Lectura...* 71.

que antes estavam preocupados em saber quem deles era o mais importante (cf. Lc 22,24), presenciaram algo insólito. Se Jesus, o Mestre, pôde realizá-lo, não havia ninguém entre eles que não pudesse fazer o mesmo. Era muito difícil entender o lavar os pés entre iguais, porque sempre fora tarefa de alguém de uma classe inferior; poucas vezes fora feito um sinal de amor tão profundo. “Com isto, Jesus destaca que tal serviço seria um lavar os pés uns dos outros; em outras palavras, consistirá em aceitar os limites, os defeitos, as ofensas do irmão e, ao mesmo tempo, reconhecerem os próprios limites e as ofensas aos irmãos”<sup>61</sup>. Na nova comunidade (a Igreja) todos são iguais, não pode haver classes sociais.

Este mandato de Jesus:

“Também vós deveis lavar os pés uns dos outros”, oferece o paradigma de nossos comportamentos se queremos situar-nos na linha da lógica eucarística. E quem está à mesa da Eucaristia deve “tirar o manto”. O manto do benefício, do cálculo, do interesse pessoal, para assumir a nudez da comunhão; o manto da mentalidade burguesa para pôr as transparências da modéstia, da simplicidade, da prontidão; o manto do domínio, da arrogância, da hegemonia, da prevaricação, do acumular, para recobrir-se com os véus da debilidade e da pobreza. Deve abandonar os sinais de poder para conservar o poder dos sinais<sup>62</sup>.

Contam que, certa vez, madre Teresa de Calcutá estava lavando os pés de um leproso, e um dos que ali estavam disse: “Madre Teresa, isso que a senhora faz, eu não faria nem por um milhão de dólares”. Ela respondeu: “Eu também não. Faço por amor a Jesus”. Isto é o que significa este mandamento; este é o “memorial existencial” de que falamos. Fazer tudo com a certeza de que o próprio Jesus está presente. Isto é o que significa verdadeiramente “cingir a toalha” e despojar-se de tudo aquilo que obscurece o olhar e não nos permite descobrir Cristo presente no necessitado. Significa não esquecer nunca suas palavras: “Tudo o que fizerdes a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40).

Por esta razão, a liturgia é chamada a ser um sinal profético – como o de Jesus – de serviço que promova a dignidade humana, capaz descobrir no outro o rosto de Cristo, o mesmo que se celebra em cada ato litúrgico da Igreja, que se parte no altar e é compartilhado entre os discípulos. É tornar vida o que pedimos a Deus na

<sup>61</sup> F. Oñoro, *Quinta-feira Santa*.

<sup>62</sup> [https://mercaba.org/LECTIO/Jn\\_13\\_01-05.htm](https://mercaba.org/LECTIO/Jn_13_01-05.htm).

celebração da Eucaristia: “Dai-nos a graça de participar de uma religião pura e sincera”<sup>63</sup>. Assim como o lava-pés é um sinal de pertença ao Mestre e de missão na Igreja, também hoje os cristãos são chamados a cingir a toalha na cintura, a prostrarem-se e lavar, curar, secar e perfumar os pés de tantos irmãos feridos de nossa sociedade.

A túnica sacerdotal de Cristo e a toalha de Servo permanecem sempre unidas na Igreja, ao celebrar o mistério central da fé na liturgia, o qual é, por sua vez, fonte da autêntica caridade cristã. O celebrado na mesa da Eucaristia se faz vida, concretiza-se na diaconia desinteressada da comunidade cristã.

Desta forma, os cristãos assumem sua história como a história – com Deus –; suas mãos como as mãos – com Deus –; que, quando lavamos os pés dos outros, repetimos o gesto eucarístico (lavar os pés é sinal da graça; *eu-xaris*; eucaristia!) de Jesus<sup>64</sup>.

JUAN PABLO MARTÍNEZ PELÁEZ, OAR  
*Curia Generalizia*  
*Roma (Italia)*

---

<sup>63</sup> Oração sobre as oferendas. Festa dos apóstolos São Felipe e São Tiago.

<sup>64</sup> <https://blog.cristianismeijusticia.net/2019/09/06/la-diaconia-de-jesus-el-arte-de-lavar-los-pies>.



Orden dos Agostinianos Recoletos  
Instituto de Espiritualidade e História